



\* A. C. Pinheiro Greggio

# PORQUE AS ESCOLAS BRASILEIRAS DEVEM SER MILITARIZADAS

*É a única revolução capaz de recuperar o País com liberdade e sem sangue.*

Não vou falar sobre o tremendo fracasso do sistema educacional brasileiro. Essa máquina criminoso consome anualmente, entre despesas públicas e privadas, cerca de 7% do PIB, que em 2017 equivalia a 460 bilhões de reais, ou 150 bilhões de dólares, proporção superior à dos países ricos da OCDE. Para quê? Para nada. As escolas brasileiras, além de não educar nem ensinar, empenham-se em doutrinar e em depravar moralmente os alunos.

Há em todo o Brasil pessoas revoltadas que pedem a volta dos militares ao poder, supondo que um regime militar seria capaz de reverter a decomposição cultural e moral da nossa juventude. Infelizmente estão erradas. Sonham com uma repetição da Revolução de 1964. Mas não consideram que em 1964 havia um projeto e uma doutrina; havia milhões de brasileiros angustiados com o futuro e revoltados com o a corrupção e a subversão; havia apoio da mídia, da Igreja, dos empresários; havia também amplo apoio internacional, no cenário da Guerra Fria. Mas em 2018 a única força política revolucionária são os milhões de brasileiros angustiados com o futuro e revoltados com a corrupção e a subversão. É só isso, e não basta. Por quê?

Porque o adversário a ser combatido é outro. Em 1964 os objetivos eram bem definidos: comunistas, pelegos sindicais, políticos subversivos e corruptos, a economia em crise e a premente necessidade de tirar o Brasil do atraso e do subdesenvolvimento. Eram objetivos palpáveis, definidos. Hoje, tudo mudou. O Brasil é país economicamente resolvido. Não há ameaça militar interna ou externa. As FFAA estão cocostas, vigilantes e preparadas. Mas o inimigo não é definido. O inimigo é a generalizada depravação e brutalização da cultura e da sociedade brasileira. O inimigo está em todas as partes, ao nosso redor. São as ruas imundas e pichadas das cidades, os mendigos profissionais nas calçadas, os pedesteras, os idiotas tatuados, os palhaços cheios de botocões, os *blaquebologues*, os *amos*, toda essa fauna de rebeldes sem causa, de desatualizados; são os falsos artistas, grafiteiros, obscenos; é a pseudo-elite de *yuppies* armadinhos, saradinhos, alienados; é o *funque* dos favelados; é o clima geral de deboche, de estupidez, de feição de sujeira e desordem. Nesse clima, a corrupção e a incompetência dominam a política.

Se for o caso de consentar o Brasil, pouco adiantarão as intervenções cirúrgicas. As mazelas políticas resultam do clima geral de degradação. Evidentemente as Forças Armadas não estão preparadas para prolongada guerra cultural, baseada em propaganda, discussão, polémicas. Como, então, enfrentar com armas um inimigo interno difuso, não localizado, desarmado, porém letal, cuja ação transcorre totalmente na esfera psicossocial?

Esse é o dilema da intervenção militar. Tomar o poder seria simples. Não haveria resistência e as FFAA seriam aplaudidas pela maioria da população e pelos agentes econômicos. O problema seria o dia seguinte. Que fazer? Parece que o Brasil já é caso de metástase, de decomposição irremediável. Será?

Essa questão nos deixava perplexos e confundia civis e militares. Muitos sem saber o que fazer, ainda pensam em remendar, reformar o atual regime. Mas a constituição de 1988 é intrinsecamente perversa. Não dá para reformar um edifício cujas fundações se assentam sobre terreno pantanoso.

Então? Fazer o quê? Nova constituição? Convocar outra Assembleia Constituinte? Com esse material político e intelectual ao nosso redor? Por eleição? Deixem-me rir. Ou então seria escolher um colégio de "notáveis" (eu diria *medalhões*)? Esses "notáveis" seriam todos formados nas nossas universidades e ungiões pela mídia. Pior ainda. Fica a pergunta: que fazer? No momento, não há solução eficaz de cima para baixo. Se for o caso de salvar o Brasil, é preciso começar pelas bases de formação da nossa juventude. Mas a formação da juventude é exatamente a seara dos pedagogos, de quem só se pode esperar o pior. Será que não há saída?

Nem tudo está perdido. Ainda existem redutos de resistência. Há décadas colégios militares espalhados pelo Brasil incolumizam a máfia dos pedagogos. Por quê? Quatro razões: (1) seu método é

alunos devem prestar continência. Namorar, beijar, andar abraçados ou de mãos dadas é transgressão disciplinar." [Revista ISTO É, 5/10/2012, A Fôrmula dos Colégios Militares, Paula Rocha e Wilson Aquino].

A expansão dos colégios militares é limitada devido à finalidade dessas instituições, de servir preferencialmente às famílias militares. Mas o exemplo inspirou alguns Estados brasileiros a usar suas Polícias Militares para um novo experimento que surpreendeu pelos resultados: a militarização das escolas públicas. Passamos a palavra a um jornalista:

"Drogas, armas brancas e baixa aprendizagem são o dia a dia das escolas de regiões vulneráveis no Brasil. Esse cenário não era diferente no Colégio Waddock Fricke de Lyra, no perigoso bairro Tarumã, em Manaus, até a Polícia Militar assumir o controle da escola, em



Alunos de uma escola militarizada em Roraima

estão satisfeitos com os resultados – e outros governos pensam seriamente em tentar esse caminho.

Mas qual é o segredo desses colégios?

Para os gestores, um dos trunfos é conseguir, por meio da disciplina, a motivação para o estudo contínuo e não apenas o "estudar para a prova". O outro caminho que influencia nos resultados é a seleção dos alunos. "[GAZETA DO POVO, 21/8/17 – Com bons resultados, escolas militares ganham força no País, por Bruno R. Müller]

Na verdade, as escolas militarizadas já comprovaram sua tremenda eficácia na antiga União Soviética. Quando o regime comunista implodiu, o Ocidente, surpreendentemente, verificou que a poderosa URSS, capaz de enfrentar as maiores potências militares do mundo, era uma economia subdesenvolvida, mais pobre que o Brasil. No entanto dominava as tecnologias mais avançadas, as ciências, as artes, tudo, em pé de igualdade com os países mais ricos do mundo. Como se explicava isso? Era o sistema educacional militarizado criado por Anton Makarenko na década de 1920.

O espaço é limitado, por isso temos de deixar esse assunto para o próximo número do INCONFIDÊNCIA. Mas podemos adiantar a conclusão: a militarização das escolas é o caminho para a salvação do Brasil. A prática demonstrou que, além de eficaz, a militarização é contagiosa, porque desperta nas populações beneficiadas uma nova esperança de futuro. Os pedagogos estão apavorados, porque percebem que as escolas militarizadas vão predominar, não por imposição de alguma ditadura, mas por exigência da população cansada de métodos absurdos e experimentos estapafúrdios. Sem violência, sem coação, simplesmente porque são simples, diretas e muito melhores do que as enganagens de Paulo Freire, Aníbal Teixeira, John Dewey, Piaget, Montessori, Vygotsky, Foucault e outros gurus da baderna e da ignorância.



Três típicos exemplos da educação brasileira

contrário às ideologias dos pedagogos; (2) apresentam resultados superiores em todas as avaliações (ENEM, PISA, etc.); (3) são instituições públicas que não podem ser acusadas de "elitismo" e (4) são militares, ou seja, são tudo o que a fauna dos felecheles odeia na vida.

Infelizmente os colégios militares são poucos. Existem apenas 13 em todo o Brasil, com cerca de 15 mil alunos. Não diferem das demais escolas públicas. Qual, então, a diferença que lhes dá tanta vantagem? Vejamos o que diz uma fonte insuspeita: "A principal diferença entre os colégios militares e as escolas civis é a questão da disciplina. As regras são rígidas. Apesar de a aula começar às 7h, o aluno que atravessa o portão de entrada às 6h30 é considerado atrasado. Se o uniforme não estiver impecável, pode não ter acesso à sala de aula. Fica de castigo no interior do colégio até o fim do turno. Há normas sobre a aparência. O corte de cabelo masculino é feito com máquina 2, e refeto de 15 em 15 dias. Não se permite barba, bigode, cavanhaque, brinco, piercing ou óculos escuros. Guarda-chuva, somente na cor preta. Os cabelos femininos podem ficar soltos, contanto que não ultrapassem a altura da gola. Se médio ou longo, deve ser preso. Mechas coloridas são proibidas. As unhas devem ser incolores ou pintadas apenas nas cores branca e rosa-clara. Ao cruzar com um professor, diretor ou monitor, os

2012.

Desde então, o quadro mudou completamente: seguindo a disciplina militar – que inclui Jarda obrigatória, gritos de guerra e proibição do uso de celulares, além da expulsão dos "incorrigíveis" –, o colégio tornou-se lugar seguro e atingiu patamar de qualidade acima da média nacional e de muitas escolas particulares. Em 2015, o IDEB do colégio, índice de desempenho medido pelo Ministério da Educação, foi de 7,7, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, e de 5,9, do 6º ao 9º ano (a média nacional nessas etapas foi de 5,5 e 4,5, respectivamente).

Essa história de sucesso não é a única no país, o que deixa os críticos do modelo com os cabelos em pé. Animados com essa performance, estados como Goiás já repassaram escolas públicas para a administração de militares – e